

Trans Olhares: o livro-reportagem de perfis como veículo jornalístico para retratar realidades trans¹

Ed BORGES²

Ricardo Jorge de Lucena LUCAS³

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE

Resumo

A união entre Jornalismo Literário e livro-reportagem se destaca na produção jornalística como alternativa ao ossificado *lead* e à superficialidade de reportagens, reflexos da industrialização da notícia e das tensões entre interesse público e de empresas jornalísticas. O livro-reportagem de perfis é um tipo de reportagem expandida e humanizada que põe em discussão complexas relações sociais a partir de vivências individuais. Aqui será apresentado o projeto do livro-reportagem *Trans Olhares - Fragmentos da vida de travestis e transexuais em Fortaleza*, que traçará perfis de três personagens. Será construído por meio de entrevistas e de técnicas narrativas literárias aliadas a procedimentos de apuração jornalística. O objetivo é debater sobre a experiência de pessoas trans dentro da sociedade de Fortaleza e demonstrar a legitimidade de identidades (sexuais e de gênero) plurais.

Palavras-chave

Livro-reportagem; Travestilidade; Transexualidade; Memórias; Perfis.

Introdução

Ao se folhear um jornal, ligar uma televisão, sintonizar uma estação de rádio ou mergulhar no mar de *links* da internet através dos portais, é possível perceber uma significativa mudança no debate sobre sexualidade. Talvez não tão expressiva na maneira como o assunto é tratado, mas bastante visível na simples presença do tema na agenda dos veículos de comunicação.

Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros (LGBT) e demais formas de sexualidade e identidades de gênero que fogem ao padrão heteronormativo⁴, têm

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, ocorrido em Manaus (AM), de 4 a 7 de setembro de 2013.

² Estudante de graduação do 7º semestre do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: ed.borgesdias@gmail.com.

³ Orientador do trabalho e professor dos cursos de graduação de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: ricardo.jorge@gmail.com.

⁴ O Glossário de Direitos Humanos da Prefeitura de Fortaleza (2011) define heteronormatividade como um “padrão social dominante segundo o qual a heterossexualidade é ensinada, reforçada, imposta e exclusivamente aceita pela maioria das instituições e pela própria sociedade, negando e estigmatizando as outras expressões da sexualidade” (2011, p.23).

ganhado mais espaço na imprensa cotidiana. Porém, no processo industrial de produção de notícias, estão presentes limitações que fazem com que a temática seja tratada de maneira superficial.

Falando especificamente das vivências trans, o Jornalismo Informativo⁵ não consegue aprofundar suficientemente as histórias de vida dos indivíduos e o emaranhado de relações sociais no qual estão envolvidos. Isso porque, nas performances trans⁶, as fronteiras convencionais entre homem/mulher, masculinidade/feminilidade, heterossexualidade/homossexualidade, proibido/permitido constantemente são atravessadas e, por vezes, diluem-se ao ponto de não mais serem distinguidas.

Assim, considerando o livro-reportagem como um veículo jornalístico, incrustado de técnicas narrativas literárias, e por meio do qual se é capaz de abordar realidades sociais de modo mais aprofundado, apresenta-se aqui o projeto do livro *Trans Olhares – Fragmentos da vida de travestis e transexuais em Fortaleza*. O objetivo desse livro-reportagem de perfis é ilustrar aspectos da vida de três personagens trans e o modo como se relacionam com a cidade de Fortaleza. É colocar no centro de discussão as experiências por elas vivenciadas, e trazer aos leitores o teor humano de histórias que são geralmente marginalizadas pelo medo do “Outro”, do “Desconhecido”.

Imprensa e sexualidade: a visibilidade LGBT (e outras letrinhas) no jornalismo brasileiro

Gradativamente, a partir do final do século XIX e ao longo do século XX, as identidades LGBT, as identidades de gênero (para além da associação homem-masculinidade e mulher-feminilidade)⁷ e demais expressões da sexualidade humana foram rompendo o casulo de silêncio e invisibilidade que lhes era destinado por diferentes

⁵ De acordo com Cremilda Medina (1988), o jornalismo pode ser classificado em três grandes tipos: Jornalismo Informativo, que tem o objetivo apenas de informar, Jornalismo Interpretativo, que busca não somente informar, mas também contextualizar e analisar um fato, e Jornalismo Opinativo, que procura emitir um juízo de valor a partir de um determinado acontecimento ou situação (1988, pp. 67-71).

⁶ Coelho (2012) define performance como conjunto de atos simbólicos com efeito discursivo de verdade que revelam categorias e contradições presentes em processos culturais historicamente construídos. Logo, ao usar o termo performances trans, estamos nos referindo a uma sequência de ações que socialmente identificam indivíduos como pertencentes ao universo trans.

⁷ O Manual de Comunicação LGBT da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) define como identidade de gênero a “experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento” (2010, p. 16). O Glossário de Direitos Humanos completa: “Independente do sexo e da orientação sexual, qualquer pessoa pode ter a identidade de gênero feminina, masculina ou ainda outras identidades de gênero possíveis, como àquelas consideradas ‘andróginas’” (2011, p. 16).

instituições sociais. Paralelamente, diversas áreas do conhecimento, como Psicologia, Medicina, Sexologia, Sociologia, Antropologia e Filosofia, resolveram investir no tema como um objeto de pesquisa, ora numa óptica patológica, ora numa visão libertária (WEEKS in LOURO, 2010, pp. 37-82).

O jornalismo seguiu o ritmo de mudança. No Brasil, antes da década de 1960, os jornais de grande circulação retratavam as homossexualidades sob dois enfoques: “satirizando figuras públicas, principalmente por meio de charges e ilustrações, ou divulgando fatos policiais envolvendo homossexuais e travestis” (PERÈT, 2011, p. 11). Durante o Regime Militar (1964-1985), observou-se o fortalecimento de uma imprensa alternativa, fomentada pela contracultura e pela luta por democracia. Nasceram, então, veículos que defendiam o exercício de uma plena diversidade sexual, livre de machismo. Exemplo disso é o jornal *Lampião da Esquina*, fundado em abril de 1978 e considerado marco da imprensa gay de massa no Brasil (LIMA, 2007).

A partir dos anos de 1990, o mercado editorial percebeu o poder lucrativo de veículos ou seções especializadas para esse segmento de consumidores. Com a adesão da mídia, o público LGBT e afins passaram a receber mais atenção de instituições privadas e de órgãos governamentais (LIMA, 2007, p.9). Segundo Lima, “a grande imprensa, a imprensa segmentada e até mesmo uma editora voltada para o segmento de livros (Edições GLS) realizam o projeto de ‘sair do gueto’ proposto nos tempos do jornal militante *Lampião*” (idem).

Porém, de acordo com Guacira Lopes Louro (2001), a maior visibilidade alcançada pelas chamadas “minorias sexuais”⁸ tem efeitos contraditórios. Ao mesmo tempo em que alguns setores sociais embarcaram numa crescente aceitação, grupos mais conservadores buscaram retomar valores tradicionais, por meio de campanhas defensoras do ideal burguês de família do século XIX ou até de manifestações baseadas na agressão verbal ou na violência física (LOURO, 2001, p.542).

Como bem explicitado por Louro, nessa escalada rumo à legitimação da miríade de combinações sexuais e de gênero possíveis, o maior desafio não é só assumir que é impossível compreendê-las apenas associando aos esquemas binários de gênero, de sexo ou de orientação sexual. Mas sim “admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente

⁸ Louro destaca que a denominação “minorias” para os indivíduos que fogem a norma da heterossexualidade parece “bastante imprópria” na forma como é comumente utilizada. Como argumento, ela usa o editorial da revista *La Gandhi Argentina*, que problematiza o termo ao desvinculá-lo do sentido quantitativo para compreendê-lo dentro de um contexto político. “As minorias nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizar, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho – gay, étnico, de gênero” (*La Gandhi Argentina in LOURO, 2001, p. 542*).

atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira” (LOURO, 2001, p.542). Fronteira essa que divide (ou tenta dividir) masculinidade e feminilidade, homem e mulher, gay e hétero, parâmetros que são socialmente construídos.

Dançando sinuosamente sobre esse tênue limite, transitam indivíduos que se aproximam das identidades e performances trans. É importante salientar que no conceito trans há diversas modalidades, como transgêneros, *drag queens*, transformistas, transexuais e travestis, entre outras possíveis expressões. A autora Juliana Coelho chama atenção para o fato de que essas classificações podem se entrecruzar e que, “por vezes, transcendem os significados comumente a elas atribuídas, denunciando a falácia da naturalização e universalização das sexualidades, sexos, corpos e desejos” (2012, p.20).

A indocilidade dos corpos trans coloca em xeque conceitos caros à sociedade baseada no padrão heterocêntrico. A fluidez entre os gêneros, segundo Coelho, faria com que indivíduos trans fossem vistos pelos demais setores sociais como pessoas “aberrantes” e “perigosas”, justamente por representarem uma ameaça, um risco de desestruturação à ordem social cristalizada (2012, pp.57-58).

O jornalismo, então, mostra-se como um potencial instrumento de compreensão dessas performances. A partir da reflexão sobre de tais realidades sociais, é possível desfiar estereótipos e bordar novas ideias em substituição a conceitos preconcebidos e solidificados ante o medo do “Outro”, do “Desconhecido”. Para isso, porém, é necessária a utilização de veículos e gêneros jornalísticos que permitam um mergulho analítico no contexto dos fatos, algo que, muitas vezes, não encontra terreno próspero na grande imprensa.

Livro-reportagem, um mergulho para além do jornalismo superficial

Seja através do voltarear dos ponteiros analógicos ou do fluxo incessante dos números no mostrador digital do relógio, a pressão do tempo se faz aparecer a todo instante nas redações de jornais, exigindo dos jornalistas urgência na apuração e elaboração de notícias. Inserida em um sistema capitalista e globalizado, a informação se apresenta como mais um bem de consumo dentro dos centros urbanos industrializados ou em processo de industrialização (MEDINA, 1988). Logo, o jornalista não escapa da necessidade de fabricar produtos em larga escala no menor tempo possível, para que possam ser vendidos na edição do jornal do próximo dia.

Porém, o *deadline* não é a única limitação presente na lógica das redações, como aponta a Teoria do *Newsmaking*, na qual alguns pesquisadores da Comunicação Social “relacionam a imagem da realidade social, fornecida pelos *mass media*, com a organização e a produção rotineira dos aparelhos jornalísticos” (WOLF, 2002, p. 183). O *Newsmaking*, de acordo com o autor Mauro Wolf, articula a cultura profissional dos jornalistas à organização do trabalho e dos processos produtivos (2002, p.188).

Nessa linha de estudos, Wolf destaca que as restrições estabelecidas pelos interesses das empresas jornalísticas, as rotinas de trabalho e os valores-notícia⁹ interferem diretamente na seleção dos acontecimentos a serem divulgados e no modo como são convertidos em material jornalístico. Uma das consequências diretas desse esquema de produção, como ressalta Cleofe Sequeira, é a superficialidade na cobertura de fatos, que são apartados de um contexto histórico e sociocultural mais amplo para serem reconstruídos na forma de noticiário a partir da relevância de determinados aspectos (2005, pp. 33-38).

Sequeira afirma, no livro *Jornalismo Investigativo*, que o gênero baseado na investigação jornalística não consegue frutificar na rotina das redações, porque “o repórter investigativo, que precisa de tempo para apurar suas histórias, suas fontes de informação e checar documentos, é uma peça destoante da engrenagem” (2005, p.41). Apesar de se referir especificamente ao Jornalismo Investigativo, a conclusão da autora pode ser ampliada também ao gênero Jornalismo Interpretativo, em que os profissionais procuram dar visibilidade não somente a uma informação, mas a todo o contexto que a circunda.

Por sua vez, Cremilda Medina (1988) encontra na história do jornalismo no Brasil outra explicação para a falta de profundidade. Segundo ela, o jornalismo brasileiro adotou técnicas de redação de origem europeia e norte-americana (artigos de opinião analíticos, *lead*, pirâmide invertida, etc.) sem adaptá-las à realidade local e, muito menos, sem desenvolvê-las criativamente (1988, pp. 140 -141). Soma-se isso ao fato de que “o produtor de informação não pesquisa a história de sua cultura, a história de seu povo, a história da sociedade em que está inscrito como canal e agente de comunicação” (1988, p. 142), o que leva a um esvaziamento de notícias e reportagens.

Dentro desse contexto, alguns autores assinalam que uma das saídas a essa superficialidade é o livro-reportagem, que aproxima mecanismos de apuração jornalística à

⁹ Os valores-notícia, de acordo com Mauro Wolf, são critérios que ajudam a responder a seguinte pergunta: “quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícia?” (2002, p. 195). Os valores-notícia são um dos componentes da noticiabilidade, que é um “conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, dentre os quais há que selecionar as notícias” (idem).

linguagem literária. Edivaldo Pereira Lima, reconhecido acadêmico, principalmente pelos estudos relacionados ao livro-reportagem, defende que esse é um veículo capaz de preencher os hiatos deixados pela imprensa cotidiana, por ela não querer ou não poder se aprofundar em determinados temas. Edvaldo Lima aponta alguns motivos que ocasionam “informação pública imprecisa, incompleta” no jornalismo das grandes empresas, como a luta contra o tempo, a disputa com a concorrência, a sobrecarga de trabalho, a falta de uma pauta bem definida e orientada, e o hábito de jornalistas de não pesquisarem sobre um determinado tema antes da apuração/publicação de alguma matéria (2009, pp.31-32).

Para compreender a definição de livro-reportagem teorizado por Edvaldo Lima, é interessante conceituar dois outros gêneros fundamentais ao jornalismo. O primeiro é a notícia, definida por ele como a comunicação de um acontecimento real, atual ou atualizado, importante para pelos menos um grupo social. Já o segundo é a reportagem, caracterizada como “ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual” (LIMA, 2009, p. 18). Logo: “livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (LIMA, 2009, p.26) .

O aprofundamento proporcionado pelo livro-reportagem pode se dar de maneira extensiva ou intensiva. A abordagem extensiva ou horizontal seria a coleta de dados que ampliam quantitativamente a taxa de conhecimento do leitor sobre um assunto (LIMA, 2009, p. 40). Já a abordagem intensiva ou vertical aconteceria quando o público recebe informações que aumentam qualitativamente seu conhecimento, sendo apresentado a uma análise multifacetada de causas e consequências de um determinado evento (idem). O autor frisa que o ideal seria uma mescla de ambos os modelos de profundidade.

Outro potencializador desse veículo é a utilização de procedimentos oriundos do Jornalismo Literário. A aproximação entre Jornalismo e Literatura ocorre desde o século XIX, mas ganha força a partir do Novo Jornalismo, ousada corrente americana surgida na década de 1960 em que jornalistas como Truman Capote, Hunter Thompson e Tom Wolfe imergiram de cabeça no universo abordado pelos seus livros e chegaram a se tornar personagens (secundários ou até protagonistas!) nas histórias por eles narradas (PENA, 2008). Então, segundo Edvaldo Lima, agregar técnicas literárias bem desenvolvidas na escrita a uma apuração jornalística profunda dos fatos faria o livro-reportagem chegar a um ápice de qualidade estética, além de tornar a leitura mais atraente para o público (LIMA, 2009).

Livro-reportagem de perfis: realidades trans retratadas a partir de memórias e histórias de vida

Dentre os diversos gêneros de livro-reportagem desenvolvidos¹⁰, o de perfis se destaca pela hipnotizante essência humana presente em suas páginas. Isso porque a principal matéria-prima é extraída das memórias e histórias de vida que o autor se propõe a narrar. O personagem central do livro pode ser uma figura pública ou um anônimo. No último caso, de interesse maior a esse trabalho, a pessoa representa um determinado grupo social por meio de suas experiências de vida e personifica a realidade vivenciada por aqueles do mesmo grupo (LIMA, 2009, pp.51-52).

O perfil, segundo Edvaldo Lima, “retrata um indivíduo como em uma arqueologia psicológica que vai escavando e trazendo à tona seus valores, suas motivações, talvez seus receios, seus lados luminosos e suas facetas sóbrias” (2009, p.427). O gênero, para o autor, também se aproxima dos textos de memória, que se fixam em uma ou mais etapas de vida de uma pessoa, geralmente localizadas no passado, narrando os episódios vividos (2009, p. 428).

Edvaldo Lima chama atenção para o cuidado que se deve ter para evitar a heroicização ou vilanização dos personagens. Por isso, a humanização se faz indispensável.

Queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações. Precisamos lançar um olhar de identificação e projeção humana da nossa própria condição nos nossos semelhantes, sejam celebridades ou pessoas do cotidiano (LIMA, 2009, p.359).

Para Sérgio Vilas Boas, referencial nos estudos sobre o gênero biográfico, o perfil se diferencia da biografia por “focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa” e não abarcar todos os pormenores da história do personagem (2003, p.13). Para ele, o perfil tem como função gerar empatia no leitor, fazer com que ele compartilhe as alegrias e as tristezas, os sucessos e os fracassos do personagem central.

¹⁰ Baseado nos objetivos e na natureza do assunto tratado, Edvaldo Lima lista 13 categorias de livro-reportagem, que são: livro-reportagem-perfil, livro-reportagem-depoimento, livro-reportagem-retrato, livro-reportagem-ciência, livro-reportagem-ambiente, livro-reportagem-história, livro-reportagem nova consciência, livro-reportagem-instantâneo, livro-reportagem-atualidade, livro-reportagem-antologia, livro-reportagem-denúncia, livro-reportagem-ensaio e livro-reportagem-viagem.

Por ser de natureza autoral, o perfil requer envolvimento por parte do autor. Logo, “a frieza e o distanciamento”, típicos do jornalismo cotidiano, “são altamente nocivos” (2003, p. 14). Além disso, Vilas Boas aponta que quatro aspectos devem estar presentes no texto biográfico para torná-lo perene: a lembrança, a partir da qual flui a história de vida da pessoa; o espaço, que é a geografia do encontro entre fonte e jornalista; a circunstância, que é o momento significativo da entrevista; e a interação, em que serão captados expressões faciais e gestos, importantes elementos para o desenho da imagem do perfilado.

Já para o autor Felipe Pena, a biografia (e, conseqüentemente, o perfil) é uma parte do Jornalismo Literário que trata da narrativa de um personagem, tomado como fio condutor do enredo. “Os acontecimentos, por mais importantes que sejam, são apenas satélites. Tudo gira em torno da história de uma vida” (PENA, 2008, p. 70).

Pena chama a atenção para o fato de que o jornalista, mesmo sempre se atendo à realidade, pode apenas reportar um efeito do real. Na opinião do autor, não se pode construir histórias e identidades bem delimitadas e estanques por meio de biografias ordenadas cronologicamente, se o próprio real do mundo globalizado é impregnado de fragmentação e instabilidade.

O relato biográfico montado a partir de uma narrativa linear seria a ilusão de que os acontecimentos da vida têm começo, meio e fim, formando uma sequência de episódios bem ordenados e coerentes entre si. Pena lembra que mesmo a memória é uma constante construção do sujeito, algo que nunca substitui o passado e que evidencia as lacunas deixadas pelo esquecimento, impossíveis de serem preenchidas pelo biógrafo.

A história de qualquer coisa é apenas o que podemos saber sobre esta coisa, jamais a totalidade. A lacuna é onipresente. O passado não está pronto. Ele ainda está por fazer, e articula-se no presente, ou melhor, na presença (ou simultaneidade), onde elaboramos a memória e a transformamos em discurso. (PENA, 2008, p.76)

Pena propõe, então, aquilo que nomeia de biografia sem fim e de fractais biográficos. Segundo essa teoria, a narrativa biográfica deveria ser organizada a partir das idiossincrasias nucleares do personagem, e não pela cronologia. Dessa forma, “múltiplas e complexas identidades do biografado” (sim, porque em cada ser humano habita uma multidão identitária) poderiam ser abordadas, sem ter um ponto final específico. Seria o costurar de uma história de vida a partir de retalhos fractais, padrões combinados de tal maneira que tentariam retratar, regidos por uma lógica supostamente ilógica, o cenário de desordem que cada indivíduo guarda em si.

Projeto Trans Olhares

Na confluência desses pensamentos teóricos sobre performances trans, livro-reportagem e textos biográficos, nasce o projeto *Trans Olhares*. Nele serão traçados três perfis de pessoas que vivenciam a transexualidade/ travestilidade em Fortaleza.

A adoção do gênero perfil, como já citado, possibilita trazer à tona o teor humano das histórias retratadas, e não apenas um olhar superficial ou simplesmente objetivo sobre o tema. Já a escolha do formato livro-reportagem está relacionada à capacidade desse veículo de traduzir, ao menos em parte, as complexas relações sociais envolvidas nas performances trans, expandindo as reflexões para além do âmbito acadêmico e levando-as para o público em geral.

O livro-reportagem, como afirma Edvaldo Lima, combina “cultura erudita, cultura popular e cultura de massa, linguagem coloquial e linguagem formal” (LIMA, 2009, p. 41). Ele é capaz de dialogar tanto com leitores distantes das experiências retratadas quanto com os que estão próximos e que se identificam com aquilo que é narrado.

O objetivo do projeto é estimular o público a partilhar das histórias e dos sentimentos das personagens, gerando a empatia que Vilas Boas cita como um caminho para “o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê)” (2003, p.14). Além disso, é permitir o trânsito de olhares entre leitores e personagens e o cruzamento entre suas respectivas visões de mundo. Dessa forma, espera-se que o medo do “Outro”, materializado em discriminação por parte de alguns setores da sociedade, possa se diluir e dar lugar à compreensão do leque múltiplo que as identidades humanas podem assumir.

As performances trans de interesse para este trabalho se restringem a de travestis e transexuais femininas. Para efeitos de maior compreensão, cabe explicitar as particularidades de cada uma.

As travestis femininas seriam aquelas que apresentam a identidade de gênero feminina, diferentemente do sexo masculino designado no nascimento; que modificam os corpos por meio de hormonioterapias, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas; que gostam de utilizar a genitália masculina nas relações sexuais; e que não querem se submeter à cirurgia de redesignação sexual (ABGLT, 2010, p. 18). Já as transexuais femininas seriam aquelas que, assim como as travestis, não se identificam com o órgão sexual de nascença e fazem uso de hormônios e silicone. Mas se diferenciariam das primeiras por sentirem a necessidade de intervenção cirúrgica para a readequação do corpo à identidade feminina e

terem uma apatia, ou mesmo aversão, ao órgão sexual masculino de nascença (ABGLT, 2010, p. 17).

Ambas as identidades se distinguem de outras categorias trans, como transformistas e *drags queens*, por os indivíduos se “montarem” não somente em ocasiões particulares (ou seja, usarem nomes, roupas, acessórios, timbres e gestos identificados como femininos para além de festas ou apresentações artísticas), mas fazerem mudanças mais profundas nos corpos, como as citadas acima. Logo, as travestis e transexuais estão “montadas” 24 horas por dia, expressando constantemente suas identidades no cotidiano.

Dito isso, faz-se necessário lembrar que tais classificações são apenas para fins didáticos, já que não são imutáveis ou universais. Logo, “não é possível afirmar que todo(a) transexual¹¹ queira fazer a cirurgia de transgenitalização, que toda travesti injeta silicone industrial ou que uma *drag* não possa ter seios hormonizados” (COELHO, 2012, p. 57). No fim, o que importa é a visão que cada pessoa tem de si, como percebeu a autora Larissa Pelúcio:

Em minha pesquisa, conheci travestis que não tomavam hormônios nem tinham silicone no corpo, mas que se autorreconheciam como travestis, usavam nomes femininos, mantinham intensa sociabilidade no meio, adotando termos do *bajubá* (a linguagem tributária do *ioruba-nagô* usada pelas travestis) [...] Convivi com pessoas que se identificavam como transexuais, mas viviam, segundo elas mesmas, como travestis, pois se prostituíam e faziam uso sexual do pênis. Assim como estive com travestis que, em algum momento da vida, desejaram tirar o pênis; outras que jamais tinham pensado naquilo, mas que começavam a estudar essa possibilidade mais recentemente, passando a possibilidade de serem transexuais. (PELÚCIO *apud* COELHO, 2012, pp. 56-57).

Qual(is) é(são) a(s) identidade(s) que as personagens do livro assumem? O que é ser trans para elas? E o que não é? Como a feminilidade é vivenciada por cada uma? O que pensam sobre os limites socialmente traçados que separam sexos, gêneros e orientações sexuais? Qual é a relação que mantêm com a cidade de Fortaleza? Que papel desenvolvem na sociedade? Como é a vida delas em âmbitos como a educação e o trabalho? Como se configura o relacionamento com familiares, amigos e pessoas do círculo de convívio social? Como se relacionam com os demais habitantes da cidade? Elas já passaram por situações de

¹¹ É importante salientar que, ao se referir a trans, o gênero das palavras deve estar em concordância com a identidade de gênero da pessoa. Ou seja, o correto é utilizar “a travesti” ou “a transexual”, por exemplo, quando se referir a pessoas que nasceram anatomicamente com órgãos sexuais masculinos, mas que possuem uma identidade feminina. Já ao utilizar o termo “o transexual”, está-se referindo àquelas pessoas que nasceram anatomicamente com órgãos sexuais femininos, mas que se identificam com a identidade de gênero masculina (ABGLT, 2010). Na citação, Coelho se refere a ambas as situações.

discriminação? Como lidam com os possíveis episódios de preconceitos? Questionamentos como esses sobre o assunto não faltam, enquanto as respostas para eles podem não ser encontradas em tanta abundância. É buscando esclarecimentos e tomando como guia tais perguntas que este trabalho tenta compreender como se desenvolvem as performances trans em solo fortalezense.

A ideia do livro é construir narrativas biográficas baseadas em fragmentos de lembranças para retratar a subjetividade de personagens plurais. As perfiladas ainda estão sendo selecionadas, mas pretende-se escolher três pessoas que tenham histórias de vida bastante diferenciadas, como forma de demonstrar concretamente a diversidade que cerca as performances trans. Mesmo assim, apesar de cada depoimento ter suas singularidades, eles serão aproximados pelas experiências em comum da travestilidade/transsexualidade.

Para isso, como técnica de apuração jornalística será empregada a observação participante e aplicadas várias entrevistas com as personagens e seus entes queridos, buscando se aproximar do procedimento do Diálogo Possível, citado por Cremilda Medina no livro *Entrevista: O Diálogo Possível* (1995). A primeira abordagem de pesquisa permite uma inserção no cotidiano vivido pelo indivíduo. Já a segunda possibilita maior extração do teor subjetivo do entrevistado.

Segundo Medina (1995), o Diálogo Possível é um tipo de entrevista humanizada que foge do padrão artificial em que o jornalista lança perguntas pré-programadas, por vezes a espera de respostas previstas, sem manter uma verdadeira conversa com a fonte. Para ela, o Diálogo Possível acontece quando o entrevistador e o entrevistado saem modificados, quando alguma coisa acontece ali no momento do encontro e os perturba, quando um determinado conceito ou modo de ver o mundo é apresentado e compreendido pelos interlocutores (MEDINA, 1995, p.7).

Já a escrita do livro será baseada nas técnicas sobre perfis, apontadas por Sérgio Vilas Boas (2003), no texto autoral e nos procedimentos do Jornalismo Literário, destacados por Edvaldo Pereira Lima (2009), e nos relatos biográficos construídos a partir de fractais fragmentados, descritos por Felipe Pena (2008). Cada perfil será guiado por uma faceta principal do personagem, ao mesmo tempo em que outras faces secundárias também poderão ser vislumbradas ao longo das narrativas.

Quanto à estruturação, o livro terá um capítulo introdutório, em que as perfiladas serão apresentadas a partir de pequenos retalhos de memórias e no qual serão traçadas reflexões sobre como se configuram as performances trans. Nesse prólogo, estarão presente

conceitos que ajudarão o leitor a compreender melhor o universo de travestis e transexuais, como a diferenciação entre sexo biológico, orientação sexual e identidade de gênero e as diversas “classificações” trans. Depois, o livro terá três grandes capítulos, cada um relacionado a uma personagem. Por fim, um epílogo que conterà relatos sobre o modo como as personagens se relacionam com a cidade e os habitantes de Fortaleza.

Considerações Finais

Gênero expoente do Jornalismo Interpretativo, a grande reportagem luta para sobreviver na maioria das empresas de comunicação, tentando não se asfixiar em meio à lógica de produção industrial do jornal. Ainda há exceções que conseguem furar o bloqueio e transmitir ao leitor uma contextualização de qualidade. Porém, as reportagens mais elaboradas são “uma modalidade jornalística deprimida nas redações de hoje” (MILMAN *apud* OLIVEIRA, 2006, p.12). Por vezes, elas sucumbem ante a sede do noticiário, que valoriza a rapidez na entrega da informação em detrimento do acabamento estético ou analítico da notícia, o que poderia potencializar o entendimento de um acontecimento ou situação (*idem*).

Como rota de fuga à superficialidade, surge o casamento entre o Jornalismo Literário e o livro-reportagem. Dessa união, frutificam matérias jornalísticas capazes de fazer uma leitura da conjuntura dos fatos, apontando causas e possíveis desdobramentos. A reportagem em livro “aproveita, assim, da literatura sua variedade criativa e possibilidades de se contar uma história, mas, mantém, do jornalismo, sua ação prática e deliberada pela narrativa real” (OLIVEIRA, 2006, pp. 12-13). Afinal, “existem histórias reais que precisam ser contadas como histórias e não como meros relatos descritivos, sem qualquer expressividade” (OLIVEIRA, 2006, p. 13).

Logo, esse veículo jornalístico de abordagem mais aprofundada aparenta ser o mais adequado para tratar de questões tão complexas como as que rondam as performances trans. Já o perfil surge como outro gênero que consegue trazer à luz do conhecimento aquilo que mais interessa (ou deveria interessar) à atividade jornalística: o aspecto humano das histórias. Assim, experiências pessoais de trans podem ecoar através de perfis e representarem realidades sociais mais amplas. Para Beatriz Jucá, quando a “filosofia das pessoas” é captada com sensibilidade pelo jornalista, “o jornalismo pode dar uma importante contribuição social à medida que estimula uma reflexão relacionada tanto à

memória coletiva quanto aos desdobramentos da própria vida em sociedade” (JUCÁ, 2012, p.12).

Narrar vivências de travestis e transexuais de Fortaleza em perfis é desvendar a alma dessas pessoas, ao mesmo tempo em que é dar visibilidade a histórias marginalizadas, silenciadas e obscurecidas pelo preconceito. A aproximação do leitor às personagens que povoarão as páginas do livro *Trans Olhares* permite desconstruir imagens preconcebidas das performances trans e iluminar o desconhecido (ou renegado) espectro de matizes que a identidade humana pode assumir.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ABGLT). *Manual de Comunicação LBGT*. Belo Horizonte, MG: 2010, 48 p. Disponível em: <<http://www.abgl.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

COELHO, Juliana Frota da Justa. *Ela é o show: performances trans na capital cearense*. Rio de Janeiro, RJ: Multifoco, 2012. 163 p.

JUCÁ, Beatriz. *Pensando o jornalismo literário: uma breve análise sobre a Coleção UFC de Livros-reportagem*. In: XIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 2012, Recife, PE: 15p. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1289-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul 2013.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4. ed. rev. e ampl. Barueri, SP: Manole, 2009. 470 p.

LIMA, Marcus Antônio Assis. *De alternativa a grande mídia: historiografia resumida da imprensa homossexual no Brasil*. In: V CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 2007, São Paulo, SP: 10p. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0209-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. *Teoria Queer: Uma política pós-identitária para a educação*. Estudos Feministas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC: v. 9, 2º semestre de 2001, p.541-553. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3º ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010. 176 p.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988. 191p.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995. 96p.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. *Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história*. In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 2006, Brasília, DF: 15p. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0717-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo, SP: Contexto, 2008, 142 p.

PERÉT, Flávia. *Imprensa Gay no Brasil*. São Paulo, SP: Publifolha, 2011. 136p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. *Glossário de Direitos Humanos*. Fortaleza, CE: 2011, 30 p. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/books/000360524f5384e025900>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. *Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia*. São Paulo, SP: Summus, 2005. 197 p.

VILAS BOAS, Sérgio. *Perfis: e como escrevê-los*. São Paulo, SP: Summus, 2003. 162 p.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 7.ed. Lisboa, Portugal: Presença, 2002. 271p.